

“In Memoriam” de Guarino Alves de Oliveira

○ Instituto do Ceará reverenciou a memória do historiador Guarino Alves de Oliveira, falecido no dia 28 de outubro do ano em curso. Tendo tomado posse neste Sodalício em 4 de julho de 1974, como Sócio Efetivo, foi um constante colaborador desta Revista.

Na sessão do dia 5 de novembro, ao comunicar a infausta notícia, o Presidente Paulo Ayrton Araújo concedeu a palavra ao consócio Geraldo da Silva Nobre, que fez o necrológico de Guarino, seguindo-se com a palavra o confrade Tácito Theophilo Gaspar de Oliveira. A sessão do dia 6 de dezembro foi dedicada à memória de Guarino Alves de Oliveira. Compareceram sua viúva, D. Maria Argentina Aguiar de Oliveira, os filhos do casal, seu cunhado, Cel. João Batista Aguiar, e convidados, além de sócios do Instituto.

Usou da palavra o consócio Francisco de Assis Arruda Furtado, seguindo-se a viúva, D. Argentina que, bastante emocionada agradeceu, de improviso, a homenagem prestada ao seu marido e, por fim, falou o Cel. Aguiar.

Seguem-se os pronunciamentos do confrades Geraldo da Silva Nobre, Tácito Theophilo Gaspar de Oliveira e Francisco de Assis Arruda Furtado.

* * *

O Historiador Guarino Alves de Oliveira

GERALDO DA SILVA NOBRE

Venho a esta tribuna, na tarde de hoje, por solicitação do Senhor Presidente do Instituto do Ceará, Coronel Professor Paulo Ayrton Araújo, e sinto-me no dilema de conter a minha emoção e, ao mesmo tempo, de externá-la como a sentem os ilustres e preza-dos consócios, sobretudo os aqui presentes, nesta sessão da primeira quinzena de novembro de 1999.

Comunicou o Senhor Presidente o transe doloroso do falecimento, no dia 28 de outubro recém findo, de um dos nossos mais ilustres e prezados consócios, o historiador Guarino Alves de Oliveira; não me considerava o de maior mérito, nem o de inteira justiça para este ato, pois bem sabia da solicitude do General Tácito Theophilo Gaspar de Oliveira em confortar o consócio falecido quando este passara aos estertores da agonia, nos últimos dias de uma vida, a muitos respeitos, exemplar.

Aceitei, no entanto, a incumbência, em contrário à norma de ouvir de preferência à de falar; e procuro justificar-me, neste momento, com uma considerável aproximação a identificar-me com Guarino Alves de Oliveira.

Realmente, no atual quadro de Sócios Efetivos do Instituto do Ceará, a linha de pesquisa, como fundamento da verdade histórica, eu a tenho seguido com obstinação igual à dele, posso afirmá-lo sem o pudor da vaidade, pois quem a exhibe nega vocação para amar a história, servindo-a com o interesse único de compreender os desafios ao progresso e como os povos os enfrentaram e superaram no passado, ou com eles se arranjam, contemporaneamente.

Recordo-me, de modo muito preciso, do primeiro encontro com Guarino, ao tomar assento, ao lado dele, na Praça Valdemar Falcão, no ônibus da Empresa Iracema, à hora do almoço em família; ele estava absorto na leitura de um livro, mas, de súbito, encarou-me e disse: "Eu sou Guarino Alves, e você, quem é?"

Surpreendido pela apresentação e a indagação, pensei: o prenome Guarino é o de um dos Doze Pares da França ao tempo do Imperador Carlos Magno, e este passageiro está descobrindo algo em comum com a minha pessoa; disse-lhe poucas palavras além do meu nome, pois o coletivo logo deu a partida; pude acrescentar, somente, ficar grato pela apresentação e disser-lhe estar à sua disposição na *Gazeta de Notícias*, da qual eu era redator; desci na primeira parada da Avenida Monsenhor Tabosa uns três minutos depois.

Guarino desceria poucos quarteirões adiante, propondo-me, na vez seguinte, dispensar o ônibus para, no trajeto até a minha residência, conversar algo; soube, então, ter ele nascido no Rio Grande do Norte, na capital do Estado, filho de um jornalista e político, Antônio Alves de Oliveira, e encontrar-se em Fortaleza

como funcionário de um Instituto de Aposentadoria e Pensões; mas os contatos foram circunstanciais, devido a minhas obrigações se estenderem por três expedientes, e, da parte dele, à dedicação à leitura e à pesquisa nos dias de folga.

Em 1968 fui eleito Sócio Efetivo deste Instituto, e, somente seis anos depois, houve novas vagas no quadro respectivo, para umas das quais Guarino foi o proposto e eleito, credenciado por numerosa colaboração em diários e periódicos e, principalmente, pela autoria de livros, um deles intitulado *Janela para o Nordeste*, cuja leitura me deixara a melhor impressão; por conseguinte, do quadro de Sócios vitalícios do Instituto eleitos desde 1974, ele foi dos primeiros a contar com o meu voto, juntamente com o General Raimundo Teles Pinheiro e o Senador Virgílio Távora; aliás o último dos três a falecer.

O ingresso de Guarino Alves neste sodalício não encontrou obstáculos, quer a respeito de suas habilitações, quer pelo nascimento em outro Estado, neste último tocante por ter ascendência também cearense, pela via materna, a de uma filha do tenente-coronel José Furtado de Mendonça e Menezes, de Riacho de Sangue (atual Jaguaratama), quer muito mais pelo entrelaçamento das duas antigas Capitanias, depois Províncias e agora Estados, tão consistente no processo histórico da formação e evolução de ambos, porém descuidado pelos historiadores.

A Capitania de Antônio Cardoso de Barros, tida como a do Ceará (ou Ceará Grande), não era esta, na sua origem, mas a do Aracá, com extrema oriental no rio Curu e ocidental na direita do delta do Parnaíba, vindo a ser integrada, após a expulsão dos holandeses, pela ribeira do Jaguaribe mediante sesmarias concedidas pelo Governo Geral do Estado do Brasil, sediado na Cidade do Salvador, da Bahia, e pelo Capitão-mor do Rio Grande (do Norte); no entanto, o resultado foi surpreendente, com a autoridade da Câmara da Vila do Aquiraz e da guarnição da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção estendendo-se ao divisor natural da serra do Apodi, ao nascente, e o do Araripe, ao sul, determinando, geograficamente, o espaço de cuja ocupação participaram e continuam participando, aliás, os norte-rio-grandenses, representados por troncos notáveis, como os Furtado de Mendonça, Câmara, Pompeu Linhares e muitos outros.

Guarino Alves de Oliveira não era um estranho, portanto, mas, como expoente de uma parcela muito significativa de norte-rio-grandenses integrados na grande família cearense, aqui no Instituto dividindo as suas preocupações de estudioso com a história dos dois Estados onde viveu: o da naturalidade civil e o da adoção permanente; seria iniquidade opor restrições a qualquer brasileiro dedicado ao Ceará, e aqui residente, solidário nos momentos dramáticos da saga de um povo sujeito a calamidades periódicas.

Nós, do Instituto do Ceará, experimentamos, com o falecimento de Guarino, não somente a saudade, suavizada pela lembrança do consócio, de presença constante nesta sala de reuniões e em outras dependências da nossa Casa, no último quartel do século prestes a encerrar-se, embora problemas de saúde recentes o impedissem de aqui comparecer algumas vezes; sempre de bom humor, foi um companheiro leal e um amigo verdadeiro, de uma cordialidade a toda prova.

Além da saudade o falecimento de Guarino deixa, no Instituto do Ceará, a sensação de um vácuo, pelo desfalque de um dos Sócios efetivos mais dedicados aos estudos e às pesquisas, precisamente quando os seus conhecimentos especializados concorreriam para a objetividade nas comemorações do Quinto Centenário do Descobrimento do Brasil; essa contribuição era muito desejável por se tratar de um autor respeitado tanto no Brasil como na Espanha, onde estivera, a convite do Ministério das Relações Exteriores, estudando a cartografia e outros documentos dos séculos XV e XVI.

Colaborador assíduo da *Revista do Instituto do Ceará*, Guarino não desmereceu o atributo estatutário da vitaliciedade, antes assegurou o bem mais significativo da imortalidade, difundido o seu espírito forte, de estrênuo combatente em prol da verdade histórica, a salvo das contaminações inevitáveis de interpretações levianas por amadores sensacionalistas, tanto nas páginas da publicação anual mencionada como de numerosos livros, fonte límpida e inesgotável, para as gerações futuras, do saber mais útil à humanidade, ao mesmo tempo de exaltação, para sempre, da personalidade do autor, marcada pela busca da perfeição, quer na manifestação de sensibilidade artística, notadamente no retrato de Luís da Câmara Cascudo, com o qual brindou o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande

Norte, no ensejo da conferência proferida, neste, pelo presidente daquele, Dr. Enélio Lima Petrovitch, sobre o retratado, aliás parente do próprio Guarino.

Nesta reunião, com a presença da distinta representação de mestres e alunos do Colégio Padre Champanhat, tem-se-a sincronia dos vivos com os mortos, estes, aos quais agora se juntou Guarino Alves de Oliveira, na galeria circundante das paredes do auditório; nós, adultos e jovens das duas gerações atuais, sob o influxo das anteriores, notadamente a dos doze (12) Sócios Fundadores do Instituto, Apóstolos ou Pares, como cada um de nós preferir, opção, no entanto, dispensável, considerando-se uns e outros expoentes de uma causa comum: a de servirmos à causa do bem, isto é, da reconciliação, da dignidade e do respeito, dos direitos e dos deveres recíprocos, da liberdade e da responsabilidade.

Não nos estamos despedindo de Guarino Alves de Oliveira; como historiador o seu espírito não está depositado no cemitério, mas permanece entre nós, no templo do tempo, confiante na nossa disposição de persistir no bom combate do qual participou com tanto devotamento, qual um campeão olímpico, portador de uma chama radiosa a iluminar o futuro, sem a contaminação dos erros devidos aos insensatos; em preito de memória ao companheiro falecido mantenhamos aceso este facho simbólico.

* * *

O Pesquisador Guarino Alves de Oliveira

TÁCITO THEOPHILO GASPAR DE OLIVEIRA

O Instituto do Ceará pretende reunir aqueles que se dedicam ao estudo da Geografia, História e Antropologia. São 40 sócios, que se reúnem a cada quinzena para ouvir ou debater temas correlatos; colaboram, também, nos artigos que são publicados na sua Revista que já alcança os 112 anos, desde a sua fundação.

Guarino Alves era freqüentador assíduo das sessões e colaborador da Revista, ocasião em que abordava temas que quase sempre

exigiam demorada pesquisa. Lembro-me que um dia deparei com um seu artigo sobre o "Enigma da Estrela de Belém" e, de outra feita, a respeito do naufrágio do transatlântico "Princesa Mafalda" em águas brasileiras, na altura dos Abrolhos, ocasião em que se salvaram 955 passageiros, mas tivemos que lamentar a perda de 510 vidas.

Sua cultura é diversificada e sua temática variável. Em "A Toponímia Vetusta" fala dos acidentes geográficos do vasto litoral que se estende de Pernambuco ao Piauí.

Ama o Ceará e talvez por isto, também, tenha estudado o vocábulo Ceará, sua origem filológica e sua evolução ortográfica.

Passou algum tempo na Espanha, onde freqüentou e rebuscou os tesouros que encontrou referentes a mapas, cartas e documentos que lhe caíam às mãos.

Foi assim que nos brindou com seu estudo sobre Vicente Yañez Pinzón, publicado no vol. 99 (1979) da nossa Revista. Hoje, o livro que publicou acerca do mesmo tema, tem larga aceitação na discussão da tese do Descobrimento.

Sabe-se, conforme relato no meu "Pioneiros do Ar e do Mar", que o navegador espanhol Afonso Ojeda, acompanhado de Juan de la Cosa, famoso cartógrafo, e do florentino Américo Vespúcio, chegou às costas do Rio Grande do Norte, nas imediações do Cabo de São Roque ou da foz do rio Açu.

Em fins do mesmo ano de 1499 uma outra expedição alcançara as costas do Brasil. Vicente Yañez Pinzón ultrapassa a linha do Equador e chega às praias do Ceará.

Em seu estudo sobre Pinzón, Guarino pessoalmente examinou a "Karta Von América" de Juan de la Cosa, que se encontra no Museu Naval de Madrid; diz ser o primeiro documento ou esboço representando o Novo Mundo.

Na busca da identificação do Cabo de Santa Maria de la Consolacion, mostra a dúvida existente sobre o dia da partida de Cabo Verde, mas esclarece que depois de navegar 300 léguas no rumo sudoeste, Pinzón perdeu a estrela Guia e afrontou terrível temporal.

Vencido o mau tempo, prossegue navegando 240 léguas na mesma direção e a 20 de janeiro os navios avistam terra. Prosse-

guem e quando chegam a 16 braças de profundidade, com melhor visão da terra, batizaram-na de Cabo de Santa Maria de la Consolacion.

É aqui que Guarino Alves mostra seu conhecimento do assunto. Cita a opinião de 15 conceituados historiadores cujas opiniões divergem. Julgam uns que se tratava do Cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco. Entre eles Capistrano de Abreu, João Ribeiro e Barão do Rio Branco. Varnhagem discorda e Capistrano depois reconsidera seu parecer. Julgava Varnhagem, seguido pelo Contra-Almirante Max Justo Guedes, ter sido o Mucuripe a terra avistada. Tomás Pompeu a situa em Ponta Grossa, pouco além de Aracati.

Guarino defende a tese de que o Cabo de Santa Maria de la Consolacion, avistado por Pinzón, “nada mais é” que a Ponta de Jurucoacoara, situada a Oeste da Ponta de Itapajé.

Desta maneira, Guarino se contrapõe à opinião do grande mestre cearense. Enfeixa abalizada argumentação na sua “Geografia Proto-Histórica do Ceará”.

Queixa-se de não ter conseguido editar seu livro na Imprensa da Universidade Federal do Ceará, em 1962, por não estar de acordo com o pensamento de alguns senhores “enteramente extraños a los secretos de la geografia de los descubrimientos maritimos”.

Não pára de argumentar, nem de tentar comprovar o seu ponto de vista sobre o que realmente ocorreu desde quando Pinzón se acercou de nosso litoral.

De tudo que estudou e nos deixou sobre o “Périplo de Vicente Yañez Pinzón devemos guardar o que chama de “Última Verba”: “não quer dizer que nos achamos frente ao inverossímil e oferecendo ao leitor um estudo com ares de novela sem valor comprobatório”.

Trata-se, diz Guarino, ... numa matéria dessa natureza, que acarreta indagações, nem sempre em indagações convincentes.

Este é o norte-rio-grandense Guarino Alves de Oliveira, culto consócio do Instituto do Ceará, que partiu deixando lembranças de sua amizade, de sua cultura e o exemplo de uma vida dedicada à pesquisa e ao estudo.